



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.78-92>

Avaliações de estudantes de licenciaturas sobre o ensino de educação sexual na formação inicial de professores

Jean Jesus Santos, Doutorando em Psicologia Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: psijeanjesus@gmail.com

Angelo Brandelli Costa, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: angelo.costa@pucrs.br

Elder Cerqueira-Santos, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: eldercerqueira@gmail.com

Resumo: Este estudo teve como objetivo investigar como estudantes de licenciaturas avaliam a abordagem de assuntos sobre educação sexual em cursos de formação inicial de professores. Participaram desta pesquisa 311 estudantes ingressantes e 269 concluintes de cursos de licenciaturas, que responderam um questionário sociodemográfico com itens sobre formação em educação sexual e uma escala para medir crenças sobre educação sexual. Participantes concluintes apresentaram avaliações mais positivas sobre a educação sexual, indicaram mais frequentemente ter feito atividades de formação sobre o tema e concordar que tais assuntos devem ser abordados em cursos de licenciaturas. Sendo que, considerar assuntos sobre educação sexual importantes nesses cursos e ter feito atividades de formação específica sobre o tema foram preditores de crenças mais positivas sobre educação sexual nessa amostra. Esses resultados ajudam a pensar sobre contribuições na formação inicial de professores para trabalhar com educação sexual.

Palavras-chave: Crenças. Educação Sexual. Formação de Professores.

Undergraduate students' evaluations about sex education teaching in initial teacher education

Abstract: This study aimed to investigate how undergraduate students evaluate the approach to sexual education issues in initial teacher training courses. About the sample, 311 incoming undergraduate students and 269 concluding ones participated this study, who answered a sociodemographic questionnaire with items about sexual education training and a scale to measure beliefs about sex education. Concluding participants presented more positive evaluations about sex education, more frequently indicated that they had done training activities on the topic and agreed that such issues should be addressed in undergraduate courses. Considering that sexual education subjects in these courses are important and having done specific training activities on the topic were predictors of more positive beliefs about sex education in this sample. These results help to think contributions in initial teacher training to work with sex education.

Keywords: Beliefs. Sex Education. Teacher Training.

Introdução

Por mais que intervenções na formação inicial de professores sejam reconhecidas como estratégicas para efetividade da educação sexual nas escolas, estudos nesse campo ainda são escassos. O que é possível observar é que no contexto dos cursos de licenciaturas a abordagem de assuntos sobre sexualidade tem se mostrado significativa, no entanto tais discussões são pouco direcionadas para a atuação na escola, combate do preconceito e valorização da diversidade, conforme mostram algumas pesquisas conduzidas até o momento (DINIS e CAVALCANTE, 2008; RIZZA, RIBEIRO e MOTA, 2018; SOUZA e DINIS, 2010; VITOR, MAISTRO e ZÔMPERO, 2020). A pouca efetividade da abordagem de tais assuntos na escola é ainda mais preocupante porque as discussões sobre sexualidade que abrangem a diversidade e combate da discriminação nas ações de educação sexual continuam sendo incipientes (FURLANETTO *et al.*, 2018; OLIVEIRA JÚNIOR e MAIO, 2019; SILVA, COSTA e MÜLLER, 2018; ZERBINATI e BRUNS, 2017). Sendo que, muitas vezes, as dificuldades de professores trabalharem com questões de diversidade sexual são atravessadas por suas crenças pessoais e pelo desconhecimento de diretrizes relacionadas a essas temáticas (MARCON, PRUDÊNCIO e GESSER, 2016).

Mesmo com o reconhecimento do Estado da necessidade de assuntos sobre sexualidade serem trabalhados de forma mais ampla, a partir da promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com um caderno específico para essa finalidade, o debate público acerca da legitimidade desse tema nas escolas continua tensionado. A emergência das discussões sobre essa temática torna-se ainda mais notória mediante a narrativa construída em torno do embate atual sobre a legitimidade da abordagem de tópicos de sexualidade e gênero no currículo educacional e a aversão à “ideologia de gênero” (BORGES e BORGES, 2018; JUNQUEIRA, 2018; REIS e EGGERT, 2017). Contudo, a respeito da posição especificamente de professores sobre o desenvolvimento de ações de educação sexual nas escolas, muitos deles concordam que assuntos relacionados a esses tópicos devem ser abordados na educação escolar (JARDIM e BRÊTAS, 2006; MADUREIRA e BRANCO, 2015; PAIVA, ARANHA e BASTOS, 2008).

A literatura mostra que por mais que muitos professores identifiquem a condução de ações de orientação sexual para adolescentes como sua obrigação enquanto educadores, alguns atribuem tal responsabilidade aos outros, de disciplinas específicas, e até mesmo a instituições alheias à escola (HOLANDA *et al.*, 2010). Professores também reconhecem a importância da educação sexual para preparar adolescentes para vivências mais saudáveis da sexualidade, sendo as aulas de ciências mais privilegiadas para isso, predominando perspectivas biologicistas e proibitivas no modo como esses profissionais concebem a sexualidade e ações de orientação sobre essa temática (QUIRINO e ROCHA, 2012).

Resultados semelhantes foram encontrados em um estudo que investigou práticas de educação sexual e as concepções de professores envolvidos nessas ações (VIEIRA e MATSUKURA, 2017). Nesse estudo, além do comprometimento dos professores com a educação sexual, emergiram das falas dos entrevistados duas categorias temáticas referentes aos modelos de educação sexual baseados na perspectiva biológica e preventiva e na perspectiva biopsicossocial. Sendo que foi observada a prevalência da primeira perspectiva, os participantes reconheceram as limitações como restrições nos conteúdos abordados nas suas intervenções e destacaram a necessidade de mais investimentos na formação de professores para essa finalidade, o que também é corroborado por outros achados disponíveis na literatura (FURLANETTO *et al.*, 2018; JARDIM e BRÊTAS, 2006; SANTOS e CERQUEIRA-SANTOS, 2020; ZERBINATI e BRUNS, 2017).

No geral observa-se que nos estudos sobre concepções de professores acerca da educação sexual muitos dos participantes reconheceram seu despreparo para trabalhar com educação sexual (HOLANDA *et al.*, 2010; JARDIM e BRÊTAS, 2006; QUIRINO e ROCHA, 2012; VIEIRA e MASTSUKURA, 2017) e mostraram-se interessados e disponíveis para realizarem formação específica sobre essa temática (JARDIM e BRÊTAS, 2006; QUIRINO e ROCHA, 2012). O que corrobora os resultados de investigações conduzidas no contexto da formação inicial desses profissionais (DINIS e CAVALCANTE, 2008; RIZZA, RIBEIRO e MOTA, 2018; SOUZA e DINIS, 2010; VITOR, MAISTRO e ZÔMPERO, 2020) e confirma a importância de mais ações de formação nesse sentido. Para tanto, reconhece-se a necessidade de mais pesquisas para ampliação de conhecimentos sobre a importância da educação sexual para esses profissionais.

A despeito dos dados resultantes de pesquisas com professores e no âmbito de curso de licenciaturas, investigações no contexto da formação inicial desses profissionais, durante a graduação, sobre como tais sujeitos avaliam a importância da formação para educação

sexual especificamente, não foram encontradas. Essa lacuna é observada, mesmo diante da importância de maiores investimentos para que a Universidade possa cumprir sua responsabilidade social de transformação de desigualdades e promoção da cidadania de todos. O que tem relação com a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, contemplados nas ações de educação sexual, cujas temáticas devem ser abordadas desde a Educação Básica até a Educação Superior, na formação de professores. Considerando tal cenário, este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar como ingressantes e concludentes de cursos licenciaturas avaliam a abordagem de assuntos sobre educação sexual na formação inicial de professores, bem como analisar a associação entre tais avaliações e desfechos mais positivos de crenças sobre educação sexual.

Método

Este artigo relata um recorte dos resultados de uma pesquisa maior desenvolvida durante o mestrado do primeiro autor. Para o desenvolvimento desse estudo foi realizada uma pesquisa de delineamento quantitativo, transversal, com amostras paralelas, descritiva e exploratória. A amostra incluiu estudantes ingressantes e concludentes de cursos de licenciaturas referentes aos componentes curriculares da Educação Básica, de uma universidade pública da Região Nordeste do Brasil. Participaram 311 estudantes do primeiro semestre e 269 dos três últimos semestres dos cursos de Artes Visuais, Letras Inglês, Letras Português, Filosofia, Geografia, História, Pedagogia, Física, Matemática, Química, Ciências Biológicas e Educação Física. A idade média da amostra geral foi 23,46 anos ($DP=7,219$), 20,92 anos ($DP= 5,441$) para ingressantes e 26,39 anos ($DP= 7,890$) para concludentes. A maioria declarou ser do gênero feminino (57,4%), heterossexual (77,8%), católico/a (40,2%), solteiro/a (82,8%) e não ter filhos/as (89,3%).

Pra a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado com perguntas para a caracterização sociodemográfica dos participantes. Perguntas de múltipla escolha sobre formação em educação sexual (com itens que investigavam a participação em eventos científicos, projetos de extensão ou disciplinas sobre esse tema específico), tanto dentro do contexto e período da graduação, quanto fora desse contexto e período (considerando intervenções durante o ensino médio ou em outros contextos antes de iniciar a graduação). E perguntas sobre a importância da formação em educação sexual no currículo de cursos de

licenciaturas (com itens que pediam para os participantes indicarem se consideravam importante esse tipo de formação no próprio curso e nos demais cursos de licenciaturas).

Também foi utilizada a Escala de Crenças Sobre Educação Sexual na Escola (ECESE; SANTOS, 2020), que consiste em um instrumento unifatorial, constituído por dez itens que refletem crenças sobre educação sexual na escola, que são respondidos através de uma escala de Likert de cinco pontos e medem crenças positivas sobre educação sexual na escola ($\alpha=0,89$). Seis desses itens são referentes a crenças positivas (por exemplo: Educação sexual escolar é muito importante para crianças) e os outros quatro são referentes a crenças negativas (por exemplo: É aos pais e não à escola que compete a educação sexual das crianças). Sendo que os itens que refletem crenças negativas devem ter seu valor invertido para calcular a pontuação dos participantes na escala, a qual se dá no sentido de que quanto maior o escore obtido, maior o índice de crenças positivas.

O referido projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade onde a investigação foi realizada, através do parecer nº 3.090.496. A coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e junho do ano de 2019, de forma presencial no campus da universidade mencionada, mediante assentimento da Pró-reitoria de Graduação. Os participantes foram recrutados por meio de busca ativa nas salas de aula de alunos dos respectivos semestres de interesse para a pesquisa. Todos foram esclarecidos e declaram conhecer os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como concordarem em participar voluntariamente, após a leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A aplicação dos instrumentos de coleta de dados ocorreu durante momentos reservados das aulas, previamente agendados com os/as professores/as das respectivas turmas e os participantes levaram em média 20 minutos para o preenchimento.

Para a análise dos dados foi utilizado o SPSS, versão 23. Em relação às respostas sobre formação e importância da educação sexual no currículo dos cursos de licenciaturas, foi analisada a associação da frequência das respostas dadas por tempo de graduação, através de testes de qui-quadrado. Também foi conduzida uma regressão logística (utilizando o método *Forward - Condicional*) para verificar quais das variáveis sociodemográficas e sobre formação dos participantes melhor explicariam os diferentes desfechos de crenças sobre educação sexual. As variáveis independentes (dicotomizadas) e categorias de referência consideradas foram, respectivamente: idade – ter idade abaixo da média da amostra; gênero – não ser homem; orientação sexual – não ser heterossexual; religiosidade – não ter religião; estado civil – estar solteiro/a; estado de parentalidade – não ter filhos; semestre do curso –

ser concludente; formação específica – ter feito alguma atividade de formação em educação sexual; preparo para trabalhar com educação sexual – perceber-se preparado ou muito preparado; importância de assuntos sobre educação sexual no próprio curso – atribuir importância; contribuição do curso para trabalhar com educação sexual – considerar que não contribui; e cursos que devem abordar assuntos sobre educação sexual – considerar que todos os cursos devem abordar.

Resultados

Na amostra geral, a frequência de participantes que concordaram com a importância da abordagem de assuntos sobre educação sexual no próprio curso foi maior entre os concludentes ($X^2[1]= 4,492$; $p<0,05$; $\phi= 0,088$). Quando isso foi analisado por área do conhecimento, tal associação só ocorreu entre os participantes da área Ciências Humanas ($X^2[1]= 8,553$; $p<0,005$; $\phi= 0,213$). Além disso, foi observado que esse percentual de concordância com a importância da abordagem de assuntos sobre educação sexual no próprio curso foi de 96% e 95% entre os participantes ingressantes de Ciências Biológicas e de Educação Física, respectivamente, e de 97% e 100% entre os participantes concludentes desses mesmos cursos, respectivamente. Conforme pode ser observado na Tabela 1, igualmente chamou a atenção o alto percentual de concordância com tal proposição entre todos participantes de todos os cursos, sendo que em alguns dos outros cursos a frequência dessa resposta também foi de 100% entre os concludentes.

Enquanto 58,5% dos participantes ingressantes concordaram que o seu curso de graduação contribui para a formação de professores para trabalhar com temas sobre educação sexual, esse percentual foi menor entre os concludentes (46,5%) e houve uma associação dessas respostas entre grupos por tempo de graduação ($X^2[1]= 8,410$; $p<0,005$; $\phi= 0,120$) na amostra geral. A associação com a maior frequência dessa resposta no grupo dos ingressantes ocorreu especificamente entre os participantes das áreas de Linguística, Letras e Artes ($X^2[1]= 5,517$; $p<0,05$; $\phi= 0,189$), Ciências Humanas ($X^2[1]= 4,950$; $p<0,05$; $\phi= 0,162$) e Ciências Exatas e da Terra ($X^2[1]= 6,630$; $p<0,05$; $\phi= 0,214$). Quando as frequências dessa resposta foram analisadas por curso, pode-se notar variações expressivas entre alguns grupos. Foi possível observar índices bastante altos entre ingressantes (88%) e concludentes (97%) do curso de Ciências Biológicas, à medida que índices muito mais baixos foram observados entre os ingressantes (48,3%) e os concludentes (5,3%) do curso

de Física, por exemplo. A Tabela 1 mostra detalhadamente a frequência dessas respostas entre ingressantes e concludentes por curso.

Tabela 1 – Educação sexual no curso e contribuição para trabalhar com assuntos afins

Área do conhecimento	Curso de licenciatura	N	Tempo de graduação		Consideram importante assuntos sobre ES no curso		Consideram que o curso contribui para trabalhar com ES	
			n		n (%)	n (%)		
Todas ^{1,2}	Todos	580	Ingressantes	311	264	(84,9%)	182	(58,5%)
			Concludentes	269	244	(90,7%)	125	(46,5%)
Linguística, Letras e Artes ²	A. Visuais	55	Ingressantes	28	24	(85,7%)	20	(71,4%)
			Concludentes	27	25	(92,6%)	11	(40,7%)
	L. Inglês	46	Ingressantes	23	19	(82,6%)	15	(65,2%)
			Concludentes	23	23	(100%)	15	(65,2%)
	L. Português	53	Ingressantes	30	29	(96,7%)	19	(63,3%)
			Concludentes	23	21	(91,3%)	9	(39,1%)
Ciências Humanas ^{1,2}	Filosofia	34	Ingressantes	20	16	(80%)	14	(70%)
			Concludentes	14	14	(100%)	8	(57,1%)
	Geografia	47	Ingressantes	27	23	(85,2%)	12	(44,4%)
			Concludentes	20	19	(95%)	9	(45%)
	História	47	Ingressantes	25	19	(76%)	12	(48%)
			Concludentes	22	21	(95,5%)	6	(27,3%)
	Pedagogia	60	Ingressantes	34	32	(94,1%)	22	(64,7%)
			Concludentes	26	26	(100%)	10	(38,5%)
C. Exatas e da Terra ²	Física	48	Ingressantes	29	22	(75,9%)	14	(48,3%)
			Concludentes	19	14	(73,7%)	1	(5,3%)
	Matemática	52	Ingressantes	29	24	(82,8%)	9	(31%)
			Concludentes	23	16	(69,6%)	5	(21,7%)
	Química	45	Ingressantes	21	13	(61,9%)	11	(52,4%)
			Concludentes	24	18	(75%)	9	(37,5%)
C. Biológicas e da Saúde	C. Biológicas	58	Ingressantes	25	24	(96%)	22	(88%)
			Concludentes	33	32	(97%)	32	(97%)
	Ed. Física	35	Ingressantes	20	19	(95%)	12	(60%)
			Concludentes	15	15	(100%)	10	(66,7%)

Nota: ¹ Diferença significativa ($p < 0,05$) entre ingressantes e concludentes que consideraram importante assuntos sobre ES no curso. ² Diferença significativa ($p < 0,05$) entre ingressantes e concludentes que consideraram que o curso contribui para trabalhar com ES.

A frequência de estudantes que informaram ter feito alguma atividade de formação sobre educação sexual foi maior entre os concludentes ($X^2[1] = 35,343$; $p < 0,001$; $\phi = 0,247$), conforme era esperado. Isso ocorreu especificamente entre os estudantes das áreas de Linguística, Letras e Artes ($X^2[1] = 10,380$; $p < 0,005$; $\phi = 0,260$), Ciências Humanas ($X^2[1] = 6,952$; $p < 0,01$; $\phi = 0,192$) e Ciências Biológicas e da Saúde ($X^2[1] = 19,905$; $p < 0,001$; $\phi = 0,463$). Contudo, no que diz respeito aos participantes dessa última área, foi observado que enquanto 50% dos ingressantes de Educação Física informaram ter feito alguma dessas atividades, esse percentual foi menor, de 46,7%, entre os concludentes. Além disso, a frequência dessa resposta foi relativamente baixa em todos os cursos, especialmente entre os

concludentes de Física (10,5%) e Matemática (8,7%). A Tabela 2 mostra os percentuais de participantes que informaram ter feito alguma dessas atividades.

O percentual de participantes que informaram se sentirem preparados ou muito preparados para trabalhar com educação sexual também foi relativamente baixo entre os ingressantes (25,7%) e ainda menor entre concludentes (20,8%) na amostra geral, visto que nesse caso não houve associação dessa resposta com nenhum dos dois grupos ($X^2[1]=1,934$; $p>0,05$; $\phi= 0,058$). Entretanto, quando a frequência dessas respostas foi analisada por áreas do conhecimento foi possível observar que tal associação ocorreu entre os participantes de Ciências Exatas e da Terra ($X^2[1]= 14,749$; $p<0,001$; $\phi= 0,319$). Além disso, tiveram alguns cursos em que nenhum (Matemática e Educação Física) ou somente um (Química) ou dois dos concludentes (Física) informaram sentir-se preparado ou muito preparado para trabalhar com educação sexual, conforme também pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 - Formação e preparo para trabalhar com educação sexual por curso

Área do conhecimento	Curso de licenciatura	N	Tempo de graduação	n	Fez atividade de formação em ES	Sente-se preparado para trabalhar com ES
					n (%)	n (%)
Todas ¹	Todos	580	Ingressantes	311	63 (20,3%)	80 (25,7%)
			Concludentes	269	116 (43,1%)	56 (20,8%)
Linguística, Letras e Artes ¹	A. Visuais	55	Ingressantes	28	6 (21,4%)	7 (25%)
			Concludentes	27	12 (44,4%)	4 (14,8%)
	L. Inglês	46	Ingressantes	23	5 (21,7%)	9 (39,1%)
			Concludentes	23	11 (47,8%)	6 (26,1%)
	L. Português	53	Ingressantes	30	5 (16,7%)	12 (40%)
			Concludentes	23	9 (39,1%)	7 (30,4%)
Ciências Humanas ¹	Filosofia	34	Ingressantes	20	4 (20%)	3 (15%)
			Concludentes	14	6 (42,9%)	4 (28,6%)
	Geografia	47	Ingressantes	27	6 (22,2%)	5 (18,5%)
			Concludentes	20	8 (40%)	8 (40%)
	História	47	Ingressantes	25	7 (28%)	4 (16%)
			Concludentes	22	10 (45,5%)	7 (31,8%)
Pedagogia	60	Ingressantes	34	9 (26,5%)	6 (17,6%)	
		Concludentes	26	11 (42,3%)	4 (15,4%)	
C. Exatas e da Terra ²	Física	48	Ingressantes	29	3 (10,3%)	7 (24,1%)
			Concludentes	19	2 (10,5%)	2 (10,5%)
	Matemática	52	Ingressantes	29	2 (6,9%)	9 (31%)
			Concludentes	23	2 (8,7%)	0 (0%)
	Química	45	Ingressantes	21	1 (4,8%)	7 (33,3%)
			Concludentes	24	7 (29,2%)	1 (4,2%)
C. Biológicas e da Saúde ¹	C. Biológicas	58	Ingressantes	25	5 (20%)	6 (24%)
			Concludentes	33	31 (93,9%)	13 (39,4%)
	Ed. Física	35	Ingressantes	20	10 (50%)	5 (25%)
			Concludentes	15	7 (46,7%)	0 (0%)

Nota: ¹:Diferença significativa ($p<0,05$) entre ingressantes e concludentes que fizeram atividade de formação em ES. ²:Diferença significativa ($p<0,05$) entre ingressantes e concludentes que consideraram que sentem-se preparados para trabalhar com ES.

Todos os 580 participantes foram perguntados sobre quais dos cursos de licenciaturas referentes aos componentes curriculares da Educação Básica deveriam abordar assuntos sobre educação sexual. O curso de Ciências Biológicas foi mencionado por 94,2% dos 311 participantes ingressantes e por 94,1% dos 269 participantes concludentes, seguido pelos cursos de Ciências Sociais e Pedagogia, mencionados por mais de 80% dos participantes de ambos os grupos. A abordagem de assuntos sobre educação sexual no curso de Matemática foi recomendada por 30,9% dos ingressantes e 58,4% dos concludentes, mesmo esse tendo sido o curso menos mencionado no geral; e foi recomendada para todos os cursos de licenciaturas por 28,9% dos ingressantes e 52,0% dos concludentes. Em quase todos os casos a recomendação de tais assuntos para os diversos cursos foi mais frequente entre os concludentes, exceto para o curso de Ciências Biológicas ($X^2[1]= 0,007$; $p>0,05$; $\phi= 0,003$) e para a recomendação de que tais assuntos não deveriam ser abordados em nenhum curso dos cursos de licenciaturas ($X^2[1]= 0,065$; $p>0,05$; $\phi= 0,011$), sendo que somente 1,9% do ingressantes e 2,2% dos concludentes indicaram essa resposta. Ver frequências percentuais de todas as respostas na Figura 1.

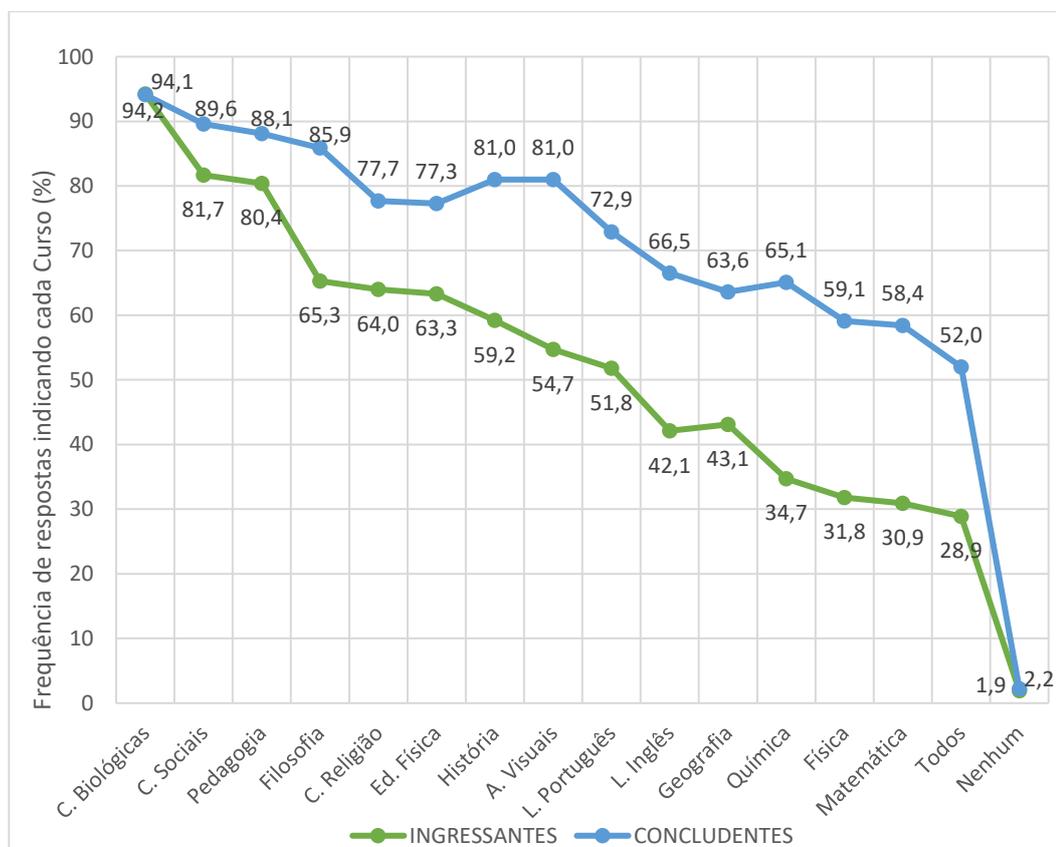


Figura 1. Percentuais de participantes que consideram que assuntos sobre educação sexual devem ser abordados nos respectivos cursos de formação de professores.

Considerando-se que algumas dessas respostas analisadas estiveram associadas a grupos específicos e que algumas características sociodemográficas se correlacionam com aversão a questões sobre diversidade sexual, comuns nas ações de educação sexual. Foram testados modelos de regressão logística, através do método *Forward - Condicional*, para verificar quais desses padrões de respostas e características sociodemográficas melhor explicariam desfechos mais positivos de crenças sobre educação sexual.

O modelo com melhor ajuste, resultante da regressão logística, apresentou uma capacidade de explicação de variância de 38,4% (R^2 [Nagelkerke]= 0,384; X^2 [7]= 196,308; $p < 0,001$) com capacidade de classificar corretamente 73,1% dos casos. Esse modelo indicou que considerar assuntos sobre educação sexual importantes no próprio curso e em todos os cursos de licenciaturas, ter feito alguma atividade de formação sobre educação sexual, não ter religião, não ser homossexual, não estar casado e não ser homem foram características preditoras de crenças mais positivas sobre educação sexual na presente amostra. A Tabela 3 apresenta os valores dos coeficientes beta das variáveis incluídas no modelo, bem como seus respectivos valores de erros padrões e intervalos de confiança.

Tabela 3 – Variáveis preditoras de crenças mais positivas sobre educação sexual

Variáveis incluídas no modelo	Intervalo de Confiança de 95%			
	β (EP)	EXP β	Inferior	Superior
Importância da ES no próprio curso	1,99 (0,40)*	7,38	3,32	16,39
Religião	1,54 (0,24)*	4,66	2,89	7,50
Orientação sexual	1,35 (0,28)*	3,87	2,20	6,80
Estado civil	0,88 (0,31)**	2,41	1,30	4,47
Gênero	0,77 (0,21)*	2,16	1,42	3,29
Formação em ES	0,68 (0,22)**	1,97	1,27	3,07
Importância da ES em todos cursos	0,66 (0,21)**	1,95	1,29	2,94
Constante	-3,95 (0,42)*	0,01		

Nota: R^2 (Nagelkerke)= 0,384. X^2 (7)= 196,30 ($p < 0,001$). * $p < 0,001$; ** $p < 0,005$.

Discussão

Foi possível observar que muitos dos participantes concordaram com a importância da abordagem de assuntos sobre educação sexual na sua formação e na formação inicial de professores nos diversos cursos de licenciatura, contudo, muitos também avaliaram sentir-se despreparados e indicaram que os cursos de formação inicial contribuem pouco ou não contribuem para trabalhar com tais assuntos. Além disso, essas respostas a respeito da formação e avaliação sobre o ensino de questões sobre educação sexual mostraram-se associados às crenças que os participantes demonstram ter sobre a educação sexual.

Muitos dos participantes consideraram que assuntos sobre educação sexual são importantes de serem abordados tanto nos seus cursos de licenciaturas quanto nos cursos em geral. Essa concordância foi maior entre os concludentes, sendo que aproximadamente a metade desses consideram que tais assuntos devem ser abordados na formação inicial de professores em todos os 14 cursos de licenciaturas perguntados. Contraditoriamente, a concordância com a ideia de que os seus cursos contribuem para trabalhar com essa temática foi menor entre os concludentes, o que sugere que no início da graduação mais participantes tem a expectativa dessa contribuição da formação que terão sobre o tema.

Esses resultados dialogam com os de estudos anteriores com estudantes de licenciaturas que sugerem que assuntos sobre sexualidade devem ser abordados de modo mais efetivo na formação desses profissionais. De acordo com uma investigação conduzida com 297 estudantes do quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná entre os anos de 2005 e 2007, 57,5% da amostra considerou que questões sobre diversidade sexual não foram abordadas na graduação e 81% indicou não se sentir preparada para trabalhar com questões relacionadas ao tema, apesar de 85% considerar tais assuntos importantes (DINIS e CAVALCANTE, 2008). Em outro estudo com 88 estudantes concludentes do curso de Ciências Biológicas da mesma universidade, entre 2006 e 2007, o percentual de participantes que declarou sentir-se despreparado para lidar com conflitos envolvendo questões sobre sexualidade foi de 53% da amostra, à medida que 88% dos participantes consideraram o tema diversidade sexual importante na sua formação e 94% consideraram a educação sexual necessária na escola (SOUZA e DINIS, 2010).

Tanto na pesquisa relatada neste artigo, quanto no estudo de Souza e Dinis (2010), entre os participantes que estavam prestes a concluir a graduação, muitos dos estudantes de Ciências Biológicas informaram ter feito formação sobre educação sexual e sobre sexualidade, com percentuais em torno de 90% das amostras. Já em outros cursos a formação específica sobre esses assuntos é menos comum, por exemplo, no curso de Pedagogia esse percentual caiu para 68% entre os participantes do estudo de Dinis e Cavalcante (2008) e para 42,3% entre os concludentes do presente estudo.

Em um contexto mais amplo, um mapeamento feito por Rizza, Ribeiro e Mota (2018), em universidades federais das cinco regiões do Brasil, mostrou uma significativa oferta de disciplinas sobre sexualidade nos cursos de licenciaturas, contudo as discussões dentro desses componentes curriculares mostraram-se com pouca ênfase na escola, o que também corrobora as considerações feitas aqui. Ademais, enquanto os resultados relatados

neste artigo mostram que o curso de Ciências Biológicas foi o mais sugerido para abordar questões sobre educação sexual no seu currículo, seguido pelo de Ciências Sociais e Pedagogia. Na investigação conduzida por Rizza *et al.* (2018) foi o curso de Pedagogia que teve o maior número de ofertas de disciplinas sobre sexualidade; o de Ciências Biológicas apareceu na quarta posição, com um número bem menor de ofertas dessas disciplinas.

Sem perder de vista a análise crítica feita por Rizza *et al.* (2018), no estudo dessas autoras também foi destacado o quanto as políticas educacionais tem impulsionado essas discussões nos currículos de formação de professores. Nesse caso uma importante contribuição a ser destacada é a das Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica estabelecidas pela Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, as quais propunham que os cursos de formação inicial de professores garantissem nos seus currículos conteúdos relacionados à diversidade sexual e de gênero dentro de um formato de maior organicidade e de articulação entre teoria e prática (DOURADO, 2015). No entanto, se mesmo no âmbito dessas políticas educacionais ainda são observadas lacunas na formação de professores, especialmente na formação inicial conforme foi constatado na presente pesquisa e discutido nesse artigo, a promulgação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, através da Resolução CNE/CP nº2, de 20 de dezembro de 2019, precisam ser melhor analisadas em relação aos seus possíveis impactos sobre tais ações de educação específicas.

No que se refere ao risco de recrudescimento da resistência à educação sexual nas escolas, essa continua sendo uma questão atual devido, entre outros fatores, aos discursos falaciosos que sustentam a ideia de que tais ações de educação remetem a uma suposta “ideologia de gênero” (BORGES e BORGES, 2018; JUNQUEIRA, 2018; REIS e EGGERT, 2017). Acerca disso, destaca-se o indicativo de que variáveis sociodemográficas correspondentes a ser homem, heterossexual e ter religião terem sido preditoras de desfechos de crenças mais negativas sobre educação sexual, o que reitera a relação entre oposição à educação na escola e o preconceito contra diversidade sexual, que também está associado a tais características identitárias (COSTA *et al.*, 2015; DOVIDIO *et al.*, 2010).

Como os participantes que consideraram assuntos sobre educação sexual importantes no próprio curso e em todos os cursos de licenciaturas e os que fizeram alguma formação sobre esse tema específico apresentaram crenças mais positivas sobre educação sexual na escola. Investimentos para que mais indivíduos tenham essa percepção e realizem esses tipos de atividades pode ser promissor para uma maior legitimidade dessas ações no currículo

educacional. O que pode contribuir para uma educação em sexualidade mais efetiva para manutenção dos direitos sexuais e reprodutivos, que ao serem tomados como direitos fundamentais, pode contribuir também para que a Universidade cumpra sua responsabilidade de transformação social e promoção de cidadania.

Considerações Finais

De modo geral, pode-se considerar que os objetivos iniciais propostos nesse artigo foram alcançados. Pois foi possível conhecer avaliações acerca da abordagem de assuntos sobre educação sexual na formação inicial de professores, bem como analisar a associação entre essas avaliações e os diferentes desfechos de crenças também sobre educação sexual, mais especificamente de crenças mais positivas, entre estudantes de licenciaturas.

Entretanto, é importante pontuar as limitações deste estudo no que diz respeito ao fato dos instrumentos utilizados para coleta de dados terem incluído um questionário fechado que fornece somente indicadores sobre avaliação dos participantes sobre o assunto investigado. Logo, são necessárias mais investigações com instrumentos que possibilitem acessar informações desse tipo de forma mais ampla. Também é importante destacar a modesta capacidade de explicação de variância do modelo encontrado para prever desfechos mais positivos de crenças sobre educação sexual na escola, o que reitera a importância de mais investigações com outras medidas mais acuradas que possam possibilitar trabalhar com modelos de predição mais robustos.

A despeito disso, destaca-se o grande número de participantes dessa pesquisa, os quais compuseram amostras paralelas de diversos cursos de licenciaturas. Assim, seus resultados oferecem um panorama de como estudantes de licenciatura de uma universidade do Nordeste brasileiro avaliam como assuntos sobre educação sexual são abordados nos seus cursos de graduação e em que medida essas respostas podem estar associadas às crenças que esses indivíduos têm sobre educação sexual.

Entre outras coisas, chamou atenção a baixa frequência de estudantes de licenciatura concludentes que se consideram preparados para trabalhar com educação sexual como tema transversal e o fato da frequência de participantes que consideram que o curso contribui para trabalhar com tais assuntos ter sido menor entre os concludentes, quando comparados aos ingressantes. O que aponta para a necessidade de transformação dessa realidade do currículo desses cursos visando maiores contribuições da graduação para futuros professores lidarem

com tais assuntos e desenvolverem ações de educação sexual. Assim, os resultados desse estudo dão pistas para aspectos específicos sobre os quais outras investigações devem se direcionar em relação ao tema da educação sexual dentro do sistema educacional. Visto que, a partir do melhor entendimento dos fatores relacionados a uma maior aceitação e compromisso com as ações de educação em sexualidade, movimentos mais efetivos podem ser feitos no sentido da superação da resistência dessas ações nas escolas, o que ainda é tão presente na atualidade.

Referências

- BORGES, R. O.; BORGES, Z. N. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018.
- COSTA, A. B. *et al.* Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian public university: prevalence, awareness, and the effects of education. **Sexuality Research and Social Policy**, Germany, v. 12, p. 261–272, 2015.
- DINIS, N. F.; CAVALCANTI, R. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 99-109, 2008.
- DOURADO, L. F. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica: concepções e desafios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 299-324, 2015.
- DOVIDIO, J. **The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination**. London: SAGE, 2010.
- FURLANETTO, M. F. *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018.
- HOLANDA, M. L. de *et al.* O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Revista Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 702-708, 2010.
- JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. 2, p. 157-162, 2006.
- JUNQUEIRA, R. D. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.
- MADUREIRA, A. F. do A.; BRANCO, Â. U. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

- MARCON, A. N.; PRUDÊNCIO, L. E. V.; GESSER, M. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 291-301, 2016.
- OLIVEIRA JUNIOR, I. B. de; MAIO, E. R. Não veja, ouça ou fale: zarus presentes nos discursos docentes sobre diversidade sexual e homofobia. **Educação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 96-106, 2019.
- PAIVA, V.; ARANHA, F.; BASTOS, F. I. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. Supl. 1, p. 54-64, 2008.
- QUIRINO, G. da S.; ROCHA, J. B. T. da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 205-224, 2012.
- REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n.138, p. 9-26, 2017.
- RIZZA, J. L.; RIBEIRO, P. R. C.; MOTA, M. R. A. A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018.
- SANTOS, J. J. **Sexualidade na educação básica e na formação de professores: desafios para promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero**. 2020. 140 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2020.
- SANTOS, J. J.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Homofobia e escola, uma revisão sistematizada da literatura. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. Especial 1, 2020.
- SILVA, D. R. Q. da; COSTA, Z. L. S.; MÜLLER, M. B. C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 48-58, 2018.
- SOUZA, L. C.; DINIS, N. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 119-134, 2010.
- VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017.
- VITOR, M.; MAISTRO, V. I. de A.; ZÔMPERO, A. de F. Educação para a sexualidade e formação inicial docente: uma investigação nos currículos de licenciatura em ciências biológicas. **Investigação em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 282-305, 2020.
- ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura nacional. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.